

2012 - O regresso à ardósia

O regresso à ardósia

por: Eugénio Costa Almeida©

Quantas vezes não ficamos pegados aos televisores a apreciarmos, embevecidos pela sua vontade indómita de aprender e evoluir, as nossas crianças agarrados às suas ardósias ou cadernos de ocasião, nas escolas de céu-aberto sob as protectoras copas de mulembeiras ou sob os braços fortes e carinhosos de um qualquer imbondeiro. E quantas vezes pensamos e clamamos como é possível que no nosso país ainda perdurem escolas destas e as nossas crianças tão pouco bem servidas de material escolar e académico. Não, hoje não vou abordar nada que se possa definir como uma análise político ou social — apesar de que haverá muito para falar, nomeadamente, sob as polémicas com as inscrições dos partidos e coligações políticas para o pleito eleitoral do próximo dia 31 de Agosto; haveria, mas isso fica para os editores e excelentes jornalistas deste órgão de informação. Hoje, se me permitem, vou abalroar a nossa substancial e anacrónica subserviência e dependência aos modernos meios tecnológicos. Há muito que o meu portátil precisava de ser limpo, relimpo e de ter o algodão como prova da sua limpeza. Desde que o comprei, e já lá vão uns bons anos, que é a minha mão direita e esquerda e, por vezes e em alguns casos, até deixo que pense por mim, nomeadamente quanto à escolha de algumas palavras. É mais fácil, é mais rápido e menos pesado que aqueles calhamaços a que chamamos de dicionários. Mas para que fosse limpo eu ficaria sem a minha ferramenta de apoio. Por isso mandei limpar e recuperar um antigo que andava pelos cantos do esquecimento do meu escritório e mandei pus o meu habitual a ser tratado devidamente em mãos de quem sabe. Felizmente deverá ficar pronto a meio desta semana (ou seja, nesta altura já o devo ter outra vez a descansar e pronto a laborar em cima da minha secretária); o que nunca pensei que essa separação seria quase tão traumática. E porquê? Porque o velhinho portátil de substituição faz lembrar um belo e nostálgico 4L, algures dos anos 60, que se move a gasolina, nos planos e carece de “cavalos”; suplentes quando tem de subir uma rampa. Ou seja, pensa, lenta, lenterrimamente, deixando o utilizador às portas de uma profunda crise nervosa. Parece que tudo ao seu redor anda mais depressa do que ele. E eu que gosto de enviar o texto bem atempadamente para esta casa. Um qualquer programa informático, ou mesmo a escrever estas linhas demora mais tempo do que ir de Luanda a Cabo Ledo, tomar um belo banho, debicar alguns mariscos e saciar com uma bela e fresca cerveja nacional. Tal é a inusitada lentidão. Tão lento, tão lento, que para escrever este texto tive de o escrever primeiro à mão num bloco, algo que já não fazia à bué de tempo, embora pense e continue a defender que esta é a forma mais correcta de escrever. Voltava ao tempo das ardósias e das sebentas. Ou, talvez, os argutos espíritos angolanos me tenham recordado que a dependência das tecnologias não é nada salutar. Talvez seja um aviso para voltar aos meus tempos da academia quando tudo o que escrevia fazia-o num bloco e, só depois, transpunha para o computador. É que dizem os especialistas, escrever primeiro à mão, ou seja, manuscrever, desenvolve melhor as capacidades cognitivas de um ser humano. E quando vamos para kotas, mesmo kotas, há que não deixar essas capacidades serem minoradas. Pois, seja então, voltemos às ardósias, mas por prazer!

©Artigo de Opinião publicado no semanário angolano Novo Jornal, secção “1º Caderno”; ed. 232, de 29-Junho-2012, pág. 23.